

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo
Mestrando de Geografia da UnB
gcca99@gmail.com

Dante Flávio da Costa Reis Junior
Professor Dr. do Departamento de Geografia da UnB
dantereis@unb.br

Resumo:

Há no ser humano uma capacidade nata de criação de sentidos relativos aos entes, fatos, acontecimentos, utensílios, instrumentos e relações que estabelecem uns com os outros. No processo de engendramento deste mosaico sógnico e imagético é que surgem as representações sociais. Estas representações caracterizam-se por conter a intensidade simbólica do homem, acarretando a difusão territorial e temporal das características simbólicas representadas, ou seja, acultura de uma sociedade. O espaço geográfico tem um papel de protagonismo em tal cenário por ser o agente materializador das representações, é no campo de abrangência da realidade objetiva, do mundo em si que são criadas as unidades simbólicas de perduração de uma sociedade. Com estas premissas tem-se por objetivo proporcionar um aprofundamento conceitual e metodológico da análise das representações sociais no espaço geográfico, efetuando-se para tal intento uma revisão bibliográfica acompanhada da confluência de teorias e arcabouços que sustentam o cânone de uma geografia das representações sociais.

Palavras-Chave: Representações Sociais. Espaço Geográfico. Cultura.

SOCIAL REPRESENTATIONS IN GEOGRAPHIC SPACE

Abstract:

There is in the human being an innate capacity to create meanings related to entities, facts, events, tools and relationships. In the process of engendering this mosaic of signs and imagery, social representations emerge. These representations are characterized by containing the symbolic intensity of man, causing spatial and temporal diffusion of symbolic characteristics represented, i.e. culture of a society. The geographical space has a leading role in such a scenario, materializing the representations. It is on the scope of objective reality, of the world itself that the symbolic units of perdurability of a society are created. With these premises we aim at providing a conceptual and methodological deepening of the analysis of social representations in geographic space, making up for this purpose a literature review followed by the confluence of theories and frameworks that support the canon of a geography of social representations.

Keywords: Social Representations. Geographic Space. Culture.

1 Introdução

A riqueza da subjetividade humana representada no meio é imensurável. Quando esta riqueza é vista como um imenso campo multiforme de manifestações simbólicas, intensidade e serenidade, figuras e signos, o tempo cristalizado no espaço pelas formas e o espaço transpassado pelo tempo e suas transformações, podemos afirmar que estamos em uma instância pertencente à geografia das representações sociais.

No exercício de adicionar um valor subjetivo a uma parte ou totalidade do meio que o circula, o ser humano, direta e indiretamente, acaba por criar paisagens de representações sociais, estas por sua vez são formadas pelas sobreposições sígnicas atribuídas neste ato de mútua identificação e reconhecimento.

O ponto de partida para este exercício de entendimento são dois extremos para se chegar ao fim comum. De um lado temos o sujeito, entendido aqui numa situação individual ou coletiva, ou seja, aquele que produzirá as manifestações representacionais da realidade sejam elas materiais e imateriais, formando verdadeiros sistemas de interpretação e sua reprodução ao longo de gerações.

Na outra extremidade temos o ambiente, o mundo externo formado por toda complexidade da realidade objetiva. Nos dizeres de Arthur Schopenhauer há a ligação entre a vontade do sujeito com a representação do mundo. E neste processo é que produzem as significações representativas. O simbólico toma forma por meio da relação existente entre os indivíduos com a realidade objetiva.

O embate ocorrido pelas práticas concretas e simbólicas ocorridas entre o homem e o meio cria um mosaico de representações sociais. Estas representações estão estruturadas nos discursos de interpretação, significação e valoração do ser humano ao entorno em que ele vive. Assim há formas peculiares de representações sociais de acordo com o âmbito as quais estas estão vinculadas, podendo ser sociais, culturais, econômicas, políticas e ideológicas. De uma forma geral poderíamos abranger esta conceituação para o campo da cultura, como a agregação de todas as práticas carregas de sentido, que permeiam a nossa existência.

As representações sociais tem um papel central em todas as sociedades humanas. A totalidade espacial é transformada por meio das ações, técnicas e desenvolvimento dos indivíduos. Todo este processo tem como resultante a carga sígnica advinda da materialidade, para além dos objetos. A imagem e o significante pertencentes a todos os entes inseridos e formadores do espaço geográfico são o cerne da ligação entre o pertencimento e a identidade com o mundo.

2 As visões de mundo: a representação social

A Geografia é uma forma de leitura do mundo. Parafraseando Ruy Moreira a realidade observada, recortada e analisada pelos geógrafos é um dos tipos peculiares de compreensão da natureza, uma maneira de lê-la e se possível entendê-la. Desta forma quanto mais variada for às formas de se ver o mundo tantas outras variadas maneiras de interpretá-lo existirão.

A percepção sensível é o contato imediato e primário com a realidade e a posterior reflexão do real pela mente produz as imagens dotadas de diferentes significados. Por este processo é que os significantes semelhantes poderão ter uma essência sígnica diametralmente adversa, portanto a representação pode ser entendida também como significante, pois o representado está ligado ao que se vê ou ao que se deixa mostrar, através da simbolização arraigada neste intermeio.

O representado é a imagem, o signo criado com a intenção de em si conter a significância que faça jus à sua posição utilitária, instrumental, cultural, histórica, política ou econômica (BAUDRILLARD, 1991). A ideia, ou seja, aquilo que é pensado, é a busca pelo termo geral angariador de todo escopo de sentido, a representação propriamente dita:

A ideia não é uma invenção pura e simples de nosso pensamento, uma especulação sem mais nem menos de nosso intelecto. A ideia é o que resulta da nossa relação intelectual com a realidade sensível, o real sensível traduzido como construção do intelecto através do conceito. Daí dizermos que é uma representação (MOREIRA, 2008, p. 106).

A forma de visão geográfica do mundo é por assim dizer um processo de dissecação das camadas constituintes deste todo representativo. A Geografia faz uso de seu discurso teórico para perscrutar a simbolização e as representações existentes no mundo. Conceitos e categorias pertencentes ao âmago geográfico permitirão uma análise dos objetos e fenômenos que ocorrem no espaço.

Em se tratando da Geografia Cultural e Humanista foram desenvolvidas *morfologias* da paisagem – um dos conceitos-chave da Geografia – com o intuito de propor metodologias pelas quais o mundo representado e estruturado pelas riquezas históricas das culturas fossem explanado. Na fissão teórica e metodológica ocorrida no segundo ato de desenvolvimento da geografia cultural em 1970 a busca pelo significado passou para primeiro plano (CORRÊA, 1997).

Os primórdios da retomada cultural na geografia é anterior à reintrodução da matriz crítica no discurso geográfico nas décadas finais do século XX. O surgimento do humanismo geográfico remonta ao pós-guerra e início da guerra fria.

Na Escola de Berkeley, liderada por Carl Sauer, houve uma valorização das culturais tradicionais, a formulação dos ramos aos quais deveriam se dedicar os geógrafos culturais, e a aceção cultural como sendo algo externo aos indivíduos, podendo ser analisada sem a presença de uma postura crítica social, ficando um estrito comprometimento com o caráter material da cultura como base para as pesquisas envolvendo a geografia cultura “clássica”:

A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas. [...] A busca contínua pelo significado do meio natural não implica nenhuma obrigação de ressaltar a importância do mesmo. Os fatos da área cultural devem ser explicados por qualquer causa que tenha contribuído para citá-los e nenhum tipo de causalidade tem preferência sobre outro. [...] O desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente. (SAUER, 2004, p. 22-23)

A simples descrição dos elementos da paisagem não era mais o objetivo último dos geógrafos, mas sim a sua significação, o conteúdo simbólico arraigado ao mundo. Os desmembramentos existentes entre o signo e o significante passaram a ser a pedra de toque dos humanistas, geograficamente falando a relação entre imagem e a paisagem:

Chamamos mundo ao modo como estruturamos nossa relação com as coisas que nos rodeiam a partir da ideia que formamos dela. O modo como a partir desse entendimento as trazemos para nosso campo de significações. Daí dizermos que o mundo são as nossas representações. Porque o vemos e vivemos segundo a ideia e o sentido que temos dele. Do ponto de vista da representação, tudo começa na categoria da paisagem, mas se explicita na categoria do espaço mediada na categoria do território (MOREIRA, 2008, p. 116).

A representação social surge a partir do momento que ocorre a inter-relação e sujeito e objeto. Neste encontro de extremos há a interpretação do objeto por parte do sujeito, e neste exercício de compreensão do que está posto diante de si engendram-se as representações, permitindo que a interpretação extrapole um campo fechado e originário de onde são elaboradas:

O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua

materialidade imediata [...] Deste modo, é a percepção do indivíduo o que edifica o conhecimento do espaço e, assim, estrutura um segundo espaço. Contudo, o pensar e a ação do sujeito perpassam a possibilidade de haver representações de caráter social (GIL FILHO, 2003, p. 3).

O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência da espacialidade originária na contextualização do sujeito. Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata (MOREIRA, 2008).

A representatividade social segundo nos explana Gil Filho (2003) se manifesta em diferentes formas nas resultantes ocorridas do encontro entre sujeito e objeto, sendo que do primeiro é que se criam as visões representacionais do segundo. A concretude da subjetividade representada se dá no espaço habitado, daí a necessidade da elaboração e aperfeiçoamento de uma fenomenologia da espacialidade (DUARTE E MATIAS, 2005).

Na construção deste espaço simbólico o tempo enquanto passa a ser categoria de análise chave; a temporalidade como interpretação interina de duração atribuída pelo sujeito engendra a totalidade do espaço de representação, sustentado pela fusão entre a subjetividade e a atividade pessoal e coletiva de cada indivíduo. Tempo e espaço formarão o substrato das representações; espacialidades e temporalidade se fundem para dar vida ao todo simbólico. Nas palavras de Gil Filho temos que:

Muito mais que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para organização da realidade [...]. O espaço de representação refere-se a uma instância da experiência originária na contextualização do sujeito, Sendo assim, trata-se de um espaço simbólico que perpassa o espaço visível e nos projeta no mundo, Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social e de sua materialidade imediata. (GIL FILHO, 2003, p. 3)

O mosaico formado pelas diferentes representações estrutura o mundo simbólico. Este simbolismo é alcançado por meio da valoração cultural que é dada aos objetos, situações, fatos históricos, personagens míticos, locais sagrados, ritos e costumes de uma determinada sociedade. Podemos dizer então que a totalidade simbólica se constrói na sobreposição dos signos, na força discursiva e retórica dos símbolos e na historicidade e espacialidade material e imaterial da cultura (LARAIA, 2003).

3 Sobre a cultura

A cultura é um dos conceitos antropológicos mais complexos dentre todos os que formam o substrato teórico das ciências humanas, que trabalham diretamente ou não com este termo em suas análises sociais. O entendimento do que significa o termo cultura é historicamente variável e geograficamente diversificado, pelo fato de sua origem estar ligada às formas de manifestação simbólicas concretas ou abstratas dos povos que habitam a superfície terrestre (CONNOR, 1993).

Desde sua filiação filológica diversificada o termo cultura até a utilização em diversos casos específicos na atualidade, há uma exigência a respeito das necessidades de discernimento sobre seu significado abrangendo diferentes tipos de concepções e teorias

envolvidos. Eagleton em seu extenso ensaio sobre a potência teórica e metodológica do conceito de cultura diz que:

É difícil escapar à conclusão de que a palavra “cultura” é ao mesmo tempo ampla demais e restrita demais para que seja de muita utilidade. Seu significado antropológico abrange tudo, desde estilos de penteado e hábitos de bebida até como dirigir a palavra ao primo em segundo grau de seu marido, ao passo que o sentido estético da palavra inclui Igor Stravinsky não a ficção científica [...] Em contraposição, poder-se-ia considerar o significado estético nebuloso demais, e o antropológico, limitado demais (EAGLETON, 2005, p. 51)

Um estudo histórico sobre a cultura nos remeterá inicialmente as suas raízes, já que etimologicamente o verbete cultura se liga ao cultivo, ou seja, aquilo que será plantado, cuidado e depois colhido, mas também agrega valores linguísticos de outras sociedades e seus costumes.

O antropólogo brasileiro Laraia (2003), tendo como base a esta evolução filológica do termo cultura ao longo da história humana, nos apresenta de forma geral os três verbetes idiomáticamente diversos que juntos formam a totalidade e abrangência do que hoje se entende por Cultura, são eles: *Culture* (anglo-saxão), *Kultur* (germânico) e *Civilization* (francês). Detalhadamente estas três raízes etimológicas se diferenciam da seguinte forma:

- *Culture*: incluía todas as crenças, arte, moral, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelos indivíduos de uma sociedade, dando a continuidade histórica da totalidade cultural à qual pertence. Esta raiz saxônica mais tarde permitiu a origem dos avanços expressivos no campo do humanismo por parte de importantes geógrafos norte-americanos como Carl Sauer e Yu Fu Tuan;

- *Kultur*: de origem germânica, está ligado aos aspectos espirituais e abstratos do simbolismo característicos das manifestações culturais dos diferentes povos. A tradução literal do verbete germânico para o português remete a um significado próximo do patrimonial, educativo e informacional, ou seja, as características perpassadas pelas gerações no processo de construção e evolução da cultura;

- *Civilization*: palavra de origem francesa que se referia as realizações materiais de um povo. Durante o período das luzes o termo civilização foi utilizado para designar a superioridade técnica e econômica das principais potências europeias frente aos novos territórios conquistados e colonizados ao redor do mundo. Deste modo a cultura seria o conjunto de costumes, práticas e diretrizes que determinariam o avanço ou retrocesso de uma determinada sociedade em direção à um estado civilizatório.

Após expor esta diferenciação conceitual do termo cultura, Laraia ainda propõe um aprimoramento do processo de evolução acadêmico e social do termo. Numa tentativa de atender a uma definição tanto ampla quanto necessária o autor defende a ideia de acumulação histórica, e consequentemente de desenvolvimento técnico das sociedades para a constituição da cultura. Nesses termos o ser humano seria então:

[...] é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 2003, p. 19).

A junção das diferentes concepções e rumos de desenvolvimento do conceito de cultura constituíram as bases do *status* amplo e diversificado do ponto de vista aplicativo do cultural, simbólico e histórico. As ciências humanas, e em especial a geografia humanista e cultura tem plenas condições de abarcar esta potencialidade de uso da cultura, tanto como referência aos estudos simbólicos como também para a relação entre o homem e o espaço geográfico.

Na contemporaneidade após um arrefecimento dos antigos ditames rígidos do caráter civilizatório da cultura, ocorreu um processo de difusão cada vez mais ampla de uma postura de aceitação – contra a rigidez discursiva e regulatória do discurso civilizatório – e aprofundamento de toda e qualquer forma de manifestação simbólica, não importando sua origem, etnia, condição econômica, situação histórica ou disposição geográfica (LARAIA, 2003).

4 A cultura e a pós-modernidade

As representações sociais no espaço geográfico estão inseridas em toda a lógica de transformação da sociedade. Deste modo o período de enfraquecimento das grandes narrativas e expansão das fronteiras do conhecimento estão também associado ao campo da representatividade simbólica. A cultura, como vimos acima, é o ponto de inflexão de todo o arcabouço sógnico humano, portanto está inserida em sua totalidade a esta lógica contemporânea (CONNOR, 1993).

Atualmente há um cenário efervescente relacionado à difusão da ideia de pós-cultura atrelado ao discurso pós-modernista. Esta visão está pautada no discurso globalizante do sistema de produção capitalista, onde se dizem superar as diferenças verticais estabelecidas pelos modelos pretéritos economia, política e desenvolvimento social. A pós-cultura seria a resultante deste processo de renovação na forma de olhar o mundo nos dias de hoje:

Se vivemos numa “pós-cultura”, uma cultura vinculada com todo tipo de superação – pós-Holocausto, pós industrial, pós-humanista, pós-cultural, na verdade –, permanecem, residualmente, dois lados ou aspectos, do prefixo “pós”, e os debates sobre o pós-moderno em humanidades e nas ciências sociais tendem a reproduzir essa dualidade. De um lado, designar a si mesmo “pós” alguma coisa é admitir certa exaustão, diminuição ou decadência. Quem vive numa pós-cultura chegou atrasado à festa e só viu as garrafas e pontas de cigarro sendo jogadas fora (CONNOR, 1993, p. 57, grifos do autor).

Compreendemos então a partir dessas premissas que há um consenso acerca de duas grandes bifurcações conceituais do termo Cultura. Num primeiro momento o conceito está diretamente ligado ao período das grandes colonizações das potências europeias nos séculos XVI e XVII e também na fase do neocolonialismo, este último marcado também pela forte influência do determinismo nas concepções da época.

O contexto histórico deste período marca principalmente a difusão do ideal civilizatório das potências do velho mundo, que ditam para si a responsabilidade em elevar os seus costumes e tradições como sendo um padrão a ser seguido pelas outras comunidades existentes no mundo (EAGLETON, 2005).

Outra característica a ser destacada é a ampliação do entendimento a respeito do que é cultura. Essa tendência ocorre em conjunto com o movimento derradeiro das grandes

narrativas e meta-narrativas sustentadas desde o período do renascimento e aperfeiçoadas pelos iluministas.

A cultura ocidental passou a ser vista de outra maneira, principalmente a partir da Escola Crítica de Frankfurt, e antes disso dos avanços da psicologia sobre a consciência e inconsciência humanas. Hall (2006) propõe uma reflexão do sujeito pós-moderno, exigindo um esforço teórico frente às novas tendências contemporâneas como o multiculturalismo, a pós-cultura e o processo de homogeneização cultural facilitado pelo aumento do fluxo mercadológico global. Nas palavras de Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. [...] Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse feito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural” (HALL, 2006, p. 75-76 – grifos do autor).

Na passagem histórica do sujeito moderno pertencente à idade das luzes aos seus sucessores pós-moderno presente na contemporaneidade a principal diferença está no embasamento constituinte de cada um.

No primeiro caso estavam os indivíduos detentores dos ideais de liberdade e igualdade, unidos para a formação do Estado Nacional nos limites territoriais nos quais se encontravam suas habitações, ou seja, é a própria cristalização do discurso moderno do período iluminista cuja principal bandeira era a unificação cultural e fortalecimento étnico dos povos europeus (CONNOR, 1993).

Na outra vertente conforme já exposto pelos autores citados, observa-se cada vez mais o enfraquecimento de alguns dos ideais nacionais de simbolização coletiva e identificação cultural. Desde que foi cunhado o termo unidimensionalização *social* na época áurea dos *frankfurtianos*, houve avanços consideráveis por parte de cientistas sociais de diferentes áreas na admissão do latente e cada vez mais intenso processo de desenvolvimento de uma *aculturação* global, a formação de padrões culturais calcados no consumo que acabam por sobrepor as características locais, as tradições regionais e aos costumes internos dos povos.

Uma das mais importantes temáticas desenvolvidas pelos filósofos de Frankfurt diz respeito ao conceito de *produção cultural*; como já apresentado acima a unidimensionalização social e a aculturação são processos que caminham em conjunto com a produção cultural em massa (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). O campo no qual tais processos se apresentam é o dos meios de comunicação em larga escala. Portanto, instrumentos de difusão em massa como a televisão, o cinema e nos dias atuais a rede mundial de computadores são alguns exemplos das vias de circulação de toda a lógica pertinente a cultura de massas na denominada pós-modernidade.

A cultura é hoje dia tida como tendo um caráter mais holístico e plástico. Suas ramificações e peculiaridades alcançaram um nível de reconhecimento e valorização jamais vista até meados do século XX. Tudo o que é cultural e a própria cultura em si, nada mais que

é o reflexo material e imaterial dos modos de vida de um povo, ou seja, num mundo multi-identitário a cultura concomitantemente se estruturará de forma multifacetada.

Toda a discussão a respeito da cultura na pós-modernidade pode ser observada na análise paradigmática de Baudrillard (1991) *Simulacro e Simulação*; neste ensaio o autor se debruça sobre a questão do apelo imagético de reprodução simbólica existente no sistema capitalista contemporâneo, onde a palavra de ordem é a dissolução do produto de acordo com a vontade e o desejo existente no consumidor.

Este posicionamento se coaduna com os escritos dos pensadores da Escola de Frankfurt sobre a cultura de massas, onde a prioridade é sanar a volúpia da necessidade consumista imediata. O mundo informacional no qual encontramos os *mass media* é o maior exemplo desta via de acesso a este contexto. “A perda do sentido está diretamente ligada à dissolvente, dissuasiva, da informação, dos *media* e dos *mass media*.” (BAUDRILLARD, 1991, p. 104 – grifos do autor).

Esta procura incessante pela produção em escala sem precedentes seguida pelo consumismo gera o que autor chama de simulacros, que por definição é a cópia, a figuração assemelhada de algo. O que importa não é necessariamente a finalidade, mas sim o caráter imediato de substituição pelo sucessor, pelo novo. Este é um dos aspectos diretrizes da cultura pós-moderna, cenário facilmente observável em indústrias de entretenimento, que utilizam as mais sofisticadas tecnologias para acompanhar este consumo impulsivo (CONNOR, 1993).

O geógrafo David Harvey adverte sobre a introspecção da cultura do simulacro e da efemeridade nos mais singelos detalhes da vida cotidiana. Segundo o autor a lógica do tornar tudo mais rápido e descartável é um símbolo notório de nosso tempo. Por isso as práticas sociais, os estilos de vida, e o próprio trato dialógico entre os indivíduos estariam sendo influenciados por tal dinâmica de produção de sentidos esparsos e consumo desenfreado:

No domínio da produção de mercadorias, o efeito primário foi a ênfase nos valores e virtudes da instantaneidade (alimentos e refeições instantâneos e rápidos e outras comodidades) e da descartabilidade (xícaras, pratos, talheres, embalagens, guardanapos, roupas etc.) A dinâmica de uma sociedade ‘do descarte’, como a apelidaram escritores como Ivin Toffler (1970), começou a ficar evidente durante os anos 60. Ela significa jogar fora bens produzidos [...] significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego às coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser. [...] as pessoas foram forçadas a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de obsolescência instantânea” (HARVEY, 1992, p.258).

O espaço e o tempo estariam assim sujeitos a este processo. A história da humanidade como um todo pode ser explicada pela maneira como as temporalidades e espacialidades são apreendidas e explicadas em cada época. Ainda segundo Harvey as mudanças que perpassam este intrincado e complexo movimento de transformação podem ser observados na maneira pela qual os indivíduos agem e pensam sobre o tempo e o espaço:

Nas práticas espaciais e temporais de toda sociedades são abundantes as sutilezas e complexidades. Como elas estão estreitamente implicadas em processos de reprodução e de transformação as relações sociais, é preciso encontrar alguma maneira de descrevê-las e de fazer uma generalização sobre seu uso. A história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço e de tempo, bem como dos usos ideológicos que podem ser dados a essas concepções (HARVEY, 1992, p. 201).

Desta maneira toda a gama simbólica pertencente as representações sociais estarão passíveis de serem influenciados, ou até mesmo regidos pela maneira de pensar de um povo numa determinada época. Connor (1993) em seu ensaio sobre os tempos contemporâneos esclarece muito bem estes questionamentos quando elenca inúmeras formas de manifestação sógnicas sociais na atualidade.

De uma maneira geral a condição de existência destas representações são tão espontâneas e efêmeras que a substituição frenética de umas pelas outras são despercebidas. Este é o contexto no qual irá inserir o arcabouço da geografia das representações sociais. Contribuindo na reflexão a cerca de como este espaço erigido a partir das representações sociais pode ser uma via de entendimento da relação entre o homem e o meio. Para Duarte e Matias (2005) apesar do e ser necessário a relevância das contradições na evolução histórica do homem, são nas relações entre o ser humano e o espaço que se mostra a ele que podemos encontrar as chaves explicativas para as mais complexas inquições, daí a importância da geografia das representações sociais.

5 Os conceitos geográficos aplicados à geografia das representações sociais

Alguns conceitos são tidos como chave para que possamos estruturar um escopo metodológico necessário para uma interpretação das representações sociais no espaço geográfico. Os principais conceitos trabalhados pelos pesquisadores destas temáticas culturais são *espaço vivido/habitado*, *experiência*, *significado*, *cultura*, *identidade*, *percepção*, *lugar*, *paisagem*, entre outros. Estes e outros conceitos, assim como um rol diverso de princípios lógicos da geografia serão amplamente trabalhados por Moreira:

Os princípios lógicos são os princípios da localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala, Os antigos compreendiam a importância preliminar e central desses princípios na formação da personalidade e do discurso da representação geográfica. [...] Perceber um fenômeno em sua dimensão geográfica é assim primeiramente localizar, distribuir, conectar, medir a distância, delimitar a extensão e verificar a escala de sua manifestação na paisagem (MOREIRA, 2008, p. 116-117).

Para Moreira (2008), as representações sociais no espaço geográfico são resultado do próprio processo relacional entre o homem e o meio em que este vive. Os esforços de interpretação presente na relação entre sujeito e objeto – entendido aqui como o meio, a realidade objetiva, o mundo – só é alcançado por meio de *instrumentos* criados pelo próprio ser humano para que esta relação seja possível.

Neste conjunto de interdependência e acumulação de ação e reação entre o representador e o que é representado, temos a linguagem, que é a via de ligação entre as duas extremidades. A linguagem aparece como principal componente capaz de permitir as interpretações e produzir as representações.

Lembremos que a linguagem se manifesta de diferentes maneiras dependendo do contexto em que está inserida incluindo desde as condições naturais até aspectos socioeconômicos (GIL FILHO, 2003). Justamente por ser complexo e intrinsecamente rico é que o mundo humanamente concebido, interpretado e posteriormente diversamente compreendido possui uma gama tão extensa de possibilidades e divergências de representação e manifestações linguísticas, simbólicas e culturais.

Estas representações vão de encontro à potência de criação da subjetividade daqueles responsáveis pelas estruturas coletivas ou individuais das imagens representativas da realidade, tanto em mitos e crenças que regem as ações de um povo os mais interiores medos e angústias de um indivíduo da sociedade cujo conflito põe em xeque a constituição do seu próprio eu no todo social.

É preciso avançar na busca das “unidades de significado” para o enriquecimento de material para análise fenomenológica, prosseguimos no estudo do espaço; este tem se apresentado como um conjunto de lugares e ao mesmo tempo universal, com interconexões, resultado da ação humana. É preciso pensar a respeito dos fenômenos constituintes do espaço cautelosamente, não é simplesmente apresentar uma característica visível no espaço como sentido essencial do fenômeno (DUARTE; MATIAS, 2005, p. 194).

A riqueza da subjetividade humana representada no meio é imensurável. Quando esta riqueza é vista como um imenso campo multiforme de altos e baixos, intensidade e serenidade, figuras e signos, o tempo cristalizado no espaço pelas formas e o espaço transpassado pelo tempo e suas transformações, podemos afirmar que estamos em uma instância pertencente à geografia das representações sociais (MOREIRA, 2008; EAGLETON, 2005).

No exercício de adicionar o valor subjetivo a uma parte ou totalidade do meio que o circula, o ser humano, direta e indiretamente acaba por criar paisagens de representações sociais, estas por sua vez são formadas pelas sobreposições significativas atribuídas neste ato de mútua identificação e reconhecimento:

Assim percebe-se a construção do espaço, que é um espaço de outro, a qual está inserido, com um espaço idealizado, normatizado e estruturado para todos. Como existem várias culturas, grupos e estilos de vida, cada um ocupa uma parte do espaço e lhe dá características próprias, o organizando de acordo com suas concepções e necessidades, percebemos esse esquema através das paisagens que vislumbramos no dia a dia, pois estas resultam de ações, pensamentos, estilos de vida (DUARTE & MATIAS, 2005, p. 195).

Conclui-se que a geografia das representações sociais visa preencher uma lacuna de investigação dos modos de vida e manifestação cultural e simbólica dos indivíduos e sociedades. O processo de identificação possibilitado pelas representações cria uma sinergia entre os que nela e dela usufruem e seus interstícios sócio-culturais.

Nesta linha de pensamento o espaço geográfico deve ser visualizado pela ótica das representações sociais, priorizando os elementos de significação social, num exercício permanente de compreensão do que é construído e reconstruído no meio pelo ser humano.

A cultura por se tratar de um conceito muito amplo pode ser direcionado ao campo das representações sociais. O fator cultural é o que fundamenta o caráter sócio-cultural das representações. Todos os aspectos sociais que possuem um viés cultural, seja coletivo ou individual se fará presente no âmbito da possibilidade representacional. Desta maneira podemos associar o cultural e as representações como sendo indissociáveis uma da outra; esta condição de associabilidade entre o que pode ser representado e a simbolização permitida pela cultura.

A ligação existente entre a cultura e as representações sociais se dá no plano simbólico. Esta é a proposta de Santos (2005), uma instrumentação teórica e metodológica capaz de transpor as barreiras existentes entre as manifestações sociais provindas do senso comum e seu condicionamento ao nível de representatividade individual e coletiva.

O simbólico e a carga identitária do sujeito com o meio que o circunda não mais são entendidos como algo externo, mas sim interiorizados no processo de representação e interpretação de todas as formas de manifestações subjetivas individuais e coletivas presentes no espaço geográfico.

Esta virada teórica na corrente cultural da geografia trouxe para o interior das pesquisas a valorização do singular, a leitura de autores e temas relacionados à *filosofia do significado* desenvolvida por intelectuais voltados à estudos linguísticos e semióticos como Ferdinand de Saussure, Charles Peirce e Humberto Eco, o existencialismo dos filósofos franceses notáveis como Jean Paul-Sartre e Maurice Merleau-Ponty e a importante introdução

da fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger como fundamento basilar de interpretação das manifestações culturais e sua valorização teórica:

Heidegger e Sartre contribuíram bastante com o método fenomenológico-existencialista e se apresentam contrários a visão idealista do mundo e do espaço. Além destes, outro filósofo, talvez o mais importante, elabora um estudo deste tipo de grande contribuição no estudo da percepção: Maurice Merleau-Ponty. Para ele “O espaço não é o meio (real ou lógico) onde se dispõem as coisas, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível”, e, nesta possibilidade é essencial a presença do homem como sujeito que percebe este mundo um ser-no-mundo que implica o estar próximo e se relacionar com os objetos e o(s) outro(s) sujeitos (DUARTE & MATIAS, 2005, p. 192).

Eis a tríade remodeladora do pensamento cultural e humanista na geografia: os símbolos, significados e significantes; o método fenomenológico e a postura existencialista norteando o discurso de valorização da cultura. O histórico, o territorial e o social se mesclam para formar o mosaico de identificação cultural dos diferentes povos e indivíduos.

Temos então o caráter de elevação do fator humano, subjetivo e das espacialidades. O humanismo na geografia apesar de ter ramificações interpretativas diferentes, possui uma coesão quanto ao seu fim último de objetivos e foco de análise.

Na geografia a influência da visão cultural e humanista se deu primeiramente num sentido majoritariamente metodológico, trazendo a fenomenologia e a hermenêutica como estandartes de uma interpretação diferenciada do espaço geográfico.

Toda a gama de conceitos da geografia como território, lugar, paisagem e o próprio espaço são assim contributivos da análise humanista e fenomenológica do espaço. Mesmo que o campo de utilização destes conceitos seja o mais diverso, é notório que todos possuem potencial para aumentar o horizonte de atuação da geografia das representações sociais, a imagem e a paisagem, o pertencimento ao lugar e ao território e a identidade espacial são os centros de tal postura epistemológica.

6 Conclusão

A geografia das representações sociais tem como raiz a geografia cultural e humanista, que em seus estudos objetivam a busca pelos sentidos atribuídos ao concreto e abstrato na realidade objetiva pelos indivíduos e suas comunidades. O cultural e o humanístico se entrelaçam na exposição dos significados simbólicos.

A representação do mundo e sua interpretação pelo ser humano sempre foi objeto de investigação das ciências sociais como a antropologia, sociologia e a psicologia. Esta preocupação pela forma como a realidade objetiva é interpretada pela subjetividade, propicia um campo de argumentação e reflexão ao mesmo tempo rico e complexo.

Sua riqueza repousa no fato de que não existe o mundo, o um mundo sem sua consequente e intrínseca representação, ou fazendo-se uso de uma linguagem mais antropológica, não há um mundo humanamente concebível sem a admissão de sua compreensão precedente a própria existência da configuração do entendimento, pois o espaço, o tempo precede os processos cognitivos do homem,

O escopo representacional humano é tão vasto quando maior for a capacidade de criação e reprodução de sentidos. O espaço tem um lugar de especial atenção a esta constatação, pelo fato de ser o ponto de objetivação desta produção simbólica. Sendo e tendo tamanha singularidade de importância neste cenário, o espaço acaba por levar sua ciência de estudo, a geografia, aos mesmos níveis de investigação, instrumentação metodológica e

reflexão teórica sobre os fenômenos de representação atrelados à ele, o espaço de representações sociais.

7 Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1985.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d' Água, 1991.
- CONNOR, S. **Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do conhecimento**. 2 Ed. Trad. Adail U. Sobral & Maria S. Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Geografia Cultural. In: _____. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (p. 261-285)
- DUARTE, M. B.; MATIAS, V. R. S. Reflexões sobre o espaço geográfico a partir da fenomenologia. In: **Revista Caminhos da Geografia**. Rio de Janeiro v. 17, n.16, p.190-196, Out./2005.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Trad. Castello S. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- GIL FILHO, S. F. **Espaço de representação: uma categoria chave para a análise cultural em geografia**. Artigo apresentado originariamente no 5º Encontro Nacional da ANPEGE sob o título: Espaço de Representação: Epistemologia e Método. 2003.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11 Ed. Trad. Tomaz T. Silva & Guarcia L. Louro. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2006.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 16 Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- SANTOS, B. S. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Editora Cortez 2005.
- SAUER, C. O. **A morfologia da paisagem**. In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. [Org.] CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2004.